

E AGORA? SUCEDER OU NÃO? Discussão sobre os motivos que influenciam na sucessão familiar

CANDIDA BELARMINO BUSATTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL)

ALISSON EDUARDO MAEHLER

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL)

MICHELE RAASCH

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)

Agradecimento à órgão de fomento:

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

E AGORA? SUCEDER OU NÃO? Discussão sobre os motivos que influenciam na sucessão familiar

1 INTRODUÇÃO

De acordo com o censo agropecuário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2017 (IBGE, 2017), no estado do Rio Grande do Sul 81% das pessoas ocupadas em propriedades rurais estão em propriedades familiares. A existência e a continuidade de propriedades rurais familiares são assuntos importantes para a economia e para o desenvolvimento do território brasileiro. Pois, elas são responsáveis pela produção de cerca de 70% dos alimentos consumidos no país (IBGE, 2017).

Cabe ressaltar que os negócios rurais familiares são, muitas vezes, a principal, ou a única, fonte de renda da família, por isso pode-se atentar para a importância do tema. De cada seis negócios familiares, apenas dois chegam à segunda geração e se estes conseguem se manter, apenas um chega à terceira geração (VENTURA, 1993; LANZANA; CONSTANZI, 1999). Com isso, questiona-se sobre os reais motivos que geram a sucessão nas propriedades, e se ela é planejada ou não.

Estudos apresentam alguns fatores sobre como ocorre a preparação do sucessor de propriedades rurais familiares, seja por métodos informais (LODI, 1987; NEGREIRA DEL RIO *et al.*, 2005), através de programas de formação de sucessores de propriedades familiares (NAMEDE; MELO; PINTO, 2017). Percebe-se que mesmo existindo atenção voltada à preparação do processo sucessório, ela ainda é pouco utilizada pelas famílias. Em algumas situações, ela parece não ser suficiente para garantir que o sucessor decida ficar na propriedade familiar. Isso acontece à medida que possíveis sucessores, já preparados para desempenhar esta tarefa, fazem escolhas profissionais que não contemplam a escolha de suceder na propriedade familiar (KIGNEL; WERNER, 2007).

Se por um lado é vital para o negócio familiar que exista alguém para assumir a gestão da propriedade com o intuito de que ela resista por mais uma geração, também é necessário que a escolha profissional do sucessor seja levada em conta. Isso traz à tona o risco de a escolha não estar voltada à permanência do indivíduo na propriedade, no entanto, ela pode estar alinhada ao projeto de vida da pessoa integrante da família (KIGNEL; WERNER, 2007).

Estudos indicam para a possibilidade de investigar além dos fatores externos que influenciam na decisão de suceder, como os motivos intrínsecos de cada um ao fazê-la; assim como a necessidade de escutar sucessores e sucedidos para que sejam compreendidas, de ambos os lados, as visões em relação aos seus projetos de vida e à propriedade (SPANVELLO *et al.*, 2011).

Os autores Teston e Filippim (2016) indicam uma necessidade de estudos que abordem as competências julgadas necessárias para que o sucessor inicie o processo de sucessão, e a necessidade de desenvolver um planejamento de carreira o antecessor. Outros elementos também são destacados para serem utilizados em futuras pesquisas como a qualidade de vida, satisfação com o ambiente rural, as perspectivas de futuro (SCHNEIDER *et al.*, 2006), e o comportamento dos envolvidos durante o processo sucessório (LIMA, 2016).

A pesquisa buscou responder a seguinte questão: Quais são os elementos que influenciam na tomada de decisão da sucessão familiar, em propriedades rurais familiares do município de Canguçu, a partir da perspectiva orientada aos atores? Com isso o objetivo geral da pesquisa é compreender quais elementos internos e externos influenciam na tomada de decisão da sucessão familiar, em propriedades rurais de pequeno porte do interior de Canguçu/RS.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Sucessão Familiar

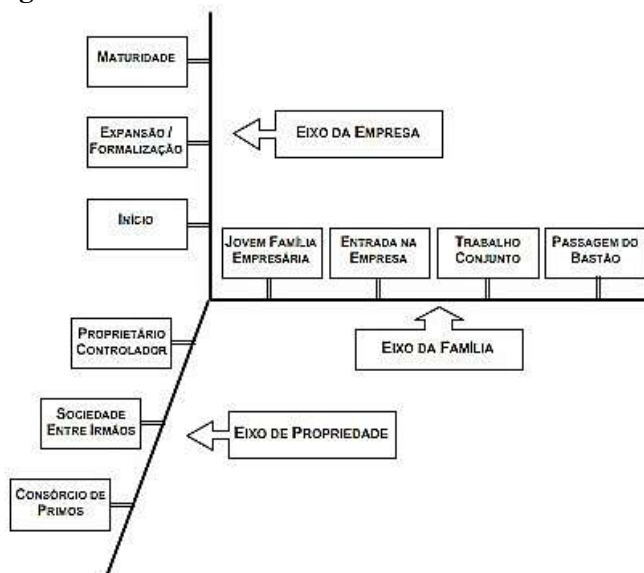
O processo sucessório é considerado um desafio para aqueles que desejam colocá-lo em prática, pois envolve uma série de variáveis, como “a presença de potenciais sucessores na propriedade; a escolha do sucessor; a herança da terra e do patrimônio; a passagem da gerência, dos direitos e dos bens imateriais e o aprendizado da profissão de agricultor e, as formas atuais de conhecimento e gestão da propriedade (SILVA, 2013, p. 6) ”.

A sucessão da empresa familiar acaba sendo atípica em relação a outras modalidades de empresa em função do seu olhar para valores, atitudes e crenças que os membros da família possuem, há o envolvimento de laços que a torna complexa (OLIVEIRA, 2006). Por isso, Leone (2005) dá importância à continuidade do comando familiar, considerando a necessidade de se construir laços de confiança em relação ao ambiente profissional e na família, assim, o processo pode acontecer de uma forma pacífica e sem gerar desgaste nas relações.

O sistema da empresa familiar é apresentado por Gersick *et al.* (1997) através do modelo de três círculos, este modelo possibilita criar um quadro de qualquer sistema de empresa familiar, apresentando as movimentações que ocorrem dentro dos círculos com o passar do tempo. Essa movimentação gera desenvolvimento no círculo, e a partir da observação deste desenvolvimento adicionou-se o modelo tridimensional de desenvolvimento da empresa familiar (GERSICK *et al.*, 1997).

Em cada um dos subsistemas dos três círculos – propriedade, família e gestão – existe um caminho de desenvolvimento, de evolução, e eles influenciam uns aos outros, mas também podem ser independentes (GERSICK *et al.*, 1997). Cada organização assume o seu próprio ritmo de desenvolvimento e quando vai se deslocando para novos estágios, em qualquer das dimensões apresentadas, assume uma nova forma e novas características (GERSICK *et al.*, 1997). A Figura 1 apresenta o modelo tridimensional do desenvolvimento da empresa familiar.

Figura 1 - Modelo tridimensional de desenvolvimento da empresa familiar.



Fonte: Gersick *et al.* (1997, p. 17).

A dimensão *Desenvolvimento da Propriedade*, o eixo da propriedade, está descrita em três estágios.: 1) empresas com Proprietário Controlador; 2) Sociedade Entre Irmãos; 3)

Consórcios de Primos. Estas definições auxiliam as famílias a entender como a sua estrutura atual afeta todas as outras áreas em que a empresa familiar opera (GERSICK *et al.*, 1997).

Na dimensão *Desenvolvimento da Família*, o eixo da família, a divisão acontece em quatro fases: 1) Jovem Família Empresária (período de intensa atividade e possível matrimônio); 2) Entrada na Empresa (saída da infância da geração mais jovem e entrada na vida adulta produtiva); 3) Trabalho Conjunto (administrar as complexas relações entre familiares e gerações diferentes); 4) Passagem do Bastão (transferência da liderança, geração mais velha para a intermediária em todos os aspectos da família) (GERSICK *et al.*, 1997).

A dimensão *Desenvolvimento da Empresa*, o eixo da empresa, é composta por três estágios: 1) Início (abrange a fundação da empresa e seus primeiros anos); 2) Expansão/Formalização (compreende o estabelecimento no mercado e a estabilização de sua operação em uma rotina estabelecida); 3) Maturidade (é a fase de estagnação numa empresa familiar; ocorre a renovação e reciclagem ou morte da empresa) (GERSICK *et al.*, 1997).

Spanevello (2008) afirma que, conforme relatos de agricultores, certos motivos podem levar os jovens a ficar, ou sair do meio rural, como, por exemplo, mudanças das relações entre pais e filhos; a maior circulação dos jovens em espaços urbanos; as condições produtivas desfavoráveis dos estabelecimentos; a busca de autonomia financeira e o prosseguimento dos estudos, bem como sua preferência pelo lazer urbano. Acredita-se que a decisão de suceder pode estar relacionada com questões particulares de cada sujeito, que pode até ter sua decisão influenciada, mas não determinada pelas estratégias de sucessão (KIGNEL; WERNER, 2007; NAMEDE; MELO; PINTO, 2017).

2.2 Perspectiva Orientada ao Ator

Segundo Cotrim (2013), a Perspectiva Orientada ao Ator (POA), defende que os processos, como a sucessão familiar, são construções com iniciativas dos atores e não apenas das estruturas em que eles estão inseridos. A POA evita a visão determinista de que atores sofrem ação da estrutura na qual estão inseridas e as adotam em seus projetos de vida, pois ela busca examinar o processo social que acontece em função das relações entre atores e sua heterogeneidade, seguindo a ideia de complexidade até as estruturas nas quais eles estão inseridos, possibilitando compreender os diferentes objetivos de vida existentes nas arenas sociais (LONG; LONG, 1992).

Pessoas são sujeitos sociais e podem ser caracterizados como atores sociais, tendo participação ativa no processo de desenvolvimento, ou seja, são sujeitos ativos que recebem e assimilam a informação e, a partir disso, criam a sua estratégia para relacionar-se com os demais atores, portanto a definição de ator não se detém simplesmente em ser um sinônimo para um indivíduo, ela configura uma construção social (LONG; LONG, 1992; 2013). A partir dos atores, busca-se observar os diferentes modos das pessoas e dos grupos sociais de enfrentar as mudanças e criar estratégias, assim, a POA investiga relações sociais entre os atores, rumo a complexificação, até o nível das estruturas (LONG, 2001).

Long e Ploeg (1994), como uma forma de complementar e validar ainda mais a POA, trazem a noção de agência, que significa que o indivíduo processa a sua experiência de interação social e a dos outros, criando sua forma de lidar com questões da vida, até mesmo sobre situações em que se encontra sob pressão e em situações negativas. Portanto a agência está ligada à capacidade de fazer as coisas, a ação depende da capacidade do indivíduo de causar uma mudança em relação a uma situação, os atores (agentes) têm poder mesmo no caso daqueles que se encontram em situação de subordinação e que nem sempre as circunstâncias são fruto de sua própria escolha (LONG; PLOEG, 1994).

A Agência permite que o ator gere interesse aos outros atores e os envolva em um projeto comum, ela tem a capacidade de encorajar outros atores para que realizem os projetos em conjunto (PLOEG, 2003). A relação entre atores no processo de sucessão familiar pode ser caracterizada como o exercício da capacidade de agência dos atores. Tanto quando os sucedidos conseguem atrair sucessores para o projeto da propriedade rural, como quando os filhos mostram aos sucedidos que seus projetos de vida, mesmo saindo da propriedade familiar, fazem sentido e produzem engajamento em relação a outros atores.

A Arena é o espaço social onde os atores exercitam sua capacidade de agência, é o local de interação dos atores, de disputa de práticas sociais, de resolução de percepções distintas dos atores sobre o mundo (LONG, 2001). Ela é construída através do discurso e delimitada pelo uso da linguagem, e por estratégias através de ações de diversos atores, com isso a noção de arena auxilia na definição dos autores envolvidos em expor temas, recursos e discursos nas disputas pelas práticas sociais (LONG, 2001). As arenas, neste trabalho, são os espaços de interação das famílias, da sucessão familiar, a propriedade rural familiar.

A partir das construções e das articulações sociais, em arenas específicas, surgem os Projetos, que podem ser individuais, mas sempre estão articulados com outros projetos, interesses e perspectivas dos outros atores, como os da família, por exemplo, dentro de um complexo de arenas que estão entrelaçadas em prol da sucessão familiar (LONG, 2001). De acordo com Ploeg (2008), quando os projetos são articulados para sua realização, os atores podem entrar em uma disputa, na busca da hegemonia dos mesmos, porque acreditam neles. O que pode resultar na heterogeneidade de ambientes, como o rural, onde a agricultura pode se apresentar através de vários modos, isso é o que constitui a heterogeneidade formada por projetos sociais de atores.

Na visão de Ploeg (2008), as tentativas de resolver problemas de projetos adotados por atores são heterogêneas. Um exemplo disso são as estratégias que sucedidos utilizam para dar continuidade a propriedade familiar, através da sucessão, ou as estratégias que os filhos lançam mão para poder desenvolver os projetos de vida que escolheram, como adotar um estilo de vida urbano e fixar seus projetos fora da propriedade (LONG, 2007). Dessa forma, os projetos dos atores são um elemento central nesta pesquisa, pois o objetivo é a compreensão das influências na tomada de decisão do ator, de suceder ou não, tomando-as enquanto construções individuais, que podem sim interagir com outros projetos externos que o ator tem afinidade.

A Interface caracteriza as relações, na construção do projeto social, dentro da arena, quando ocorre um encontro face a face entre atores que têm diferentes interesses e recursos, resultando em uma relação de conflito (LONG, 2001). Nesse caso, a linguagem é geralmente verbal, o que não exclui a importância de silêncios e da postura verbal nas mensagens trocadas entre os atores (PLOEG, 2003). Interfaces típicas acontecem quando diferentes e conflitantes grupos de interesses de atores se encontram nas arenas onde buscam um caminho que se liguem, ou se acomodem, em sua luta por projetos comuns, os projetos sociais (PLOEG, 2003).

Através das interfaces, os grupos podem buscar novas alternativas, a partir de conflitos ou disputas por novas formas de trabalho e atividades nas propriedades rurais (LONG, 2001). No processo de sucessão familiar rural, no qual há a interferência de projetos de vida e de pensamentos diferentes sobre a gestão da propriedade, há o momento de intersecção das expectativas e experiências vividas, então, ocorrem as lutas por seus significados na interface.

2.4 Perspectiva Orientada aos Atores e a Sucessão Familiar

Aplicada aos estudos sobre sucessão familiar rural, a perspectiva orientada aos atores enfatiza a importância de olhar para as construções dos projetos de vida dos sucessores, as arenas os quais estão inseridos, e as interações entre atores e objetivos que muitas vezes são

incomuns, caracterizando as interfaces. A partir dos estímulos que o ator recebe do ambiente onde está inserido, ele tem condições de assimilar informações e fazer sua escolha (COTRIM, 2013).

Para Long (2001) e Cotrim (2013), a família é constituída por atores, e essa unidade possui um projeto, como por exemplo o de manter a propriedade familiar através da sucessão de alguém desse núcleo. Na propriedade rural familiar está o campo fértil para que esses projetos possam acontecer, ela é a arena mais importante, onde inicia todo o processo envolvendo a sucessão (LONG, 2001).

Os projetos envolvem as construções dos atores, neste caso o projeto de vida dos sucessores que precisam tomar a decisão de suceder ou não. Além do projeto de vida dos sucessores, existe o projeto da família, da qual ele faz parte, e que também se liga ao projeto de vida pelo qual seu sucedido optou. Por isso, pode-se concluir que os projetos dos atores podem ser influenciados por outros projetos, o que não quer dizer que serão determinados, já que a POA considera que os atores fazem suas próprias escolhas e tem capacidade para isso através de sua interação com o ambiente social onde estão inseridos (PLOEG, 2008).

A partir da agência, os atores podem deixar claras, para as famílias, as intenções de seus projetos. Isso pode acontecer tanto em relação à capacidade de mostrar ao sucedido que pode dar continuidade à propriedade familiar ou mostrar a ele que o melhor caminho para sua vida está fora da propriedade, por exemplo (PLOEG, 2003; LONG, 2001).

Quando acontece o contato entre atores com diferentes projetos nas arenas, há a possibilidade de que eles se liguem, se acomodem, ou entrem em conflito, essa é a chamada interface. No que se refere a sucessão familiar, ela sempre estará ligada a um núcleo familiar, à propriedade na qual as atividades são desenvolvidas e sua gestão. Através dela, possibilita-se a perpetuação da propriedade familiar quando o plano sucessório obtém êxito (GERSICK *et al.* 1997). A sucessão familiar contempla um plano que pretende auxiliar na continuidade da unidade de produção familiar e, quando obtém êxito, possibilita que haja perpetuação da propriedade familiar entre gerações de uma mesma família (GERSICK *et al.*, 1997).

A efetivação da sucessão familiar na propriedade, permite admitir que nela consolidou-se a capacidade de agência dos atores, onde conseguiram combinar as expectativas de sucessor e sucedido, interesses da família e perspectivas com relação a propriedade. A partir do modelo dos três círculos, podemos identificar onde a POA se encontra com a teoria da sucessão familiar. Para isso, foram identificados os números correspondentes a cada setor do modelo e como dialoga com a perspectiva, conforme segue no Quadro 1.

Quadro 1 – Modelo dos três círculos e a POA.

MODELO DOS TRÊS CÍRCULOS E A POA		
SETOR	CÍRCULOS CORRESPONDENTES	ELEMENTO DA POA
1	FAMÍLIA	ATOR
2	PROPRIEDADE	ARENA
3	GESTÃO	PROJETO
4	FAMÍLIA + PROPRIEDADE	PROJETO
5	PROPRIEDADE + GESTÃO	INTERFACE
6	FAMÍLIA + GESTÃO	INTERFACE
7	FAMÍLIA + PROPRIEDADE + GESTÃO	AGÊNCIA

Fonte: Autores (2020).

No setor 1 o círculo correspondente é a família, que é constituída por atores e suas expectativas. O setor 2 traz a propriedade, ambiente chamado de arena, onde expectativas dos atores podem ser consolidadas ou entrelaçadas com outros projetos. No setor 3 está a gestão,

identificado como projeto das práticas necessárias para desenvolvimento do negócio familiar, conduzido pelo sucedido. O setor 4 traz a propriedade unindo-se à família, neste ponto tem-se a intersecção das expectativas que os membros da família têm em relação ao espaço que estão inseridos e assim é possível iniciar o projeto de propriedade familiar. O setor 5 traz a união da propriedade com a gestão, onde tem-se a inserção da visão de negócio.

No setor 6 percebe-se a interface entre os elementos família, com a visão dos laços de sangue, e gestão, que tem como objetivo garantir o bom andamento do negócio familiar, neste ponto a probabilidade de os conflitos existirem é bem maior em função da necessidade da tomada de decisões de forma racional em um ambiente familiar. Por fim, o setor 7 traz a união entre família, propriedade e gestão, quando se chega a este patamar pode-se dizer que a sucessão familiar ocorreu e isso só aconteceu através da capacidade de agência dos atores envolvidos, que conseguiram um engajamento de pessoas e diferentes projetos, para que a unidade familiar fosse mantida.

A partir do Quadro 1, pode-se olhar para o modelo de desenvolvimento da empresa familiar (Figura 1) onde o desenvolvimento dos eixos empresa, propriedade e família estão atrelados a capacidade dos atores de engajarem outros atores em seus projetos e os transformarem em um projeto em comum, o que chamamos neste trabalho de capacidade de agência. A POA permite que seja olhado para os atores e sua capacidade de influência para que outros atores estejam engajados nos processos de desenvolvimento da propriedade familiar e para que a sucessão aconteça.

3 METODOLOGIA

A pesquisa utilizada neste trabalho é descritiva e a abordagem qualitativa, com uso do estudo de caso baseado em Denzin e Lincoln (2011) e Creswell (2013). Foram realizadas entrevistas com a utilização de um roteiro semiestruturado, mas primeiramente uma entrevista-piloto em uma propriedade rural familiar foi realizada como pré-teste.

Na etapa seguinte buscou-se a validação do roteiro de entrevistas através da análise de dois especialistas no assunto, quanto a facilidade de entendimento e utilidade das perguntas para responder ao objetivo da pesquisa. O primeiro é especialista em sucessão familiar rural e trabalha em uma das maiores empresas de consultoria no agronegócio para propriedades rurais familiares. O segundo é professor universitário, Especialista em Dinâmicas de Grupos e Consultor de Governança e Sucessão Empresarial, atuou profissionalmente por dois anos diretamente com sucessão familiar rural. A partir da opinião dos especialistas algumas questões foram retiradas, outras reformuladas e acrescentadas para que se pudesse obter o melhor resultado possível da coleta de dados.

As entrevistas possuíam as perguntas predeterminadas de acordo com os objetivos do estudo, porque têm o intuito de identificar as arenas de construção do processo de sucessão familiar rural. Elas foram elaboradas a partir dos elementos internos e externos que influenciam na sucessão familiar.

Com a finalidade de identificar as propriedades rurais familiares com processo sucessório para serem realizadas as entrevistas, foi realizado um encontro com um colaborador da Emater de Canguçu/RS. Na sequência foram agendadas entrevistas com as famílias, e por fim realizadas. As entrevistas foram realizadas de duas formas: i) para as propriedades com sucessão familiar: 1) uma para o sucedido e; 2) outra para o sucessor. Foram realizadas entrevistas em 4 propriedades rurais, com sete (7) respondentes, membros das famílias, entre sucedido e sucessor, distribuídos nas propriedades visitadas.

A amostragem da pesquisa foi definida por saturação, empregada em investigações qualitativas e utilizada para estabelecer o tamanho final de uma amostra, conforme orienta Fontanella, Ricas e Turato (2007). Todas as entrevistas foram gravadas, em complemento também foi realizada observação *in loco*, fotografias, e caderno de campo, seguindo as orientações de Beaud e Weber (2007).

Foi realizada a triangulação de dados, que “faz uma distinção entre tempo, espaço e pessoas, sugerindo que o fenômeno seja estudado em datas e locais diferentes, a partir de pessoas diferentes” (FLICK, 2009, p. 59), e que, conforme Yin (2010), é importante para a validade e a confiabilidade da pesquisa. Para a análise dos dados foi empregada a análise de conteúdo, baseado em Chizzotti (2006), com base na teoria da POA. A análise foi organizada a partir de duas grandes dimensões: os que fazem e os que não fazem a sucessão familiar. Posteriormente, foram utilizados os elementos descritos na literatura, para categorizar as falas dos entrevistados. E então foram criadas subcategorias, relacionadas aos elementos da categoria, nomeadas como existentes ou inexistentes, em cada propriedade (BARDIN, 2011).

O município de Canguçu foi escolhido para a aplicação desta pesquisa por ter o título de Capital Nacional da Agricultura Familiar, concedido pelo Congresso Nacional no ano de 2016 (PL 6.048/2016). As justificativas para o título partem do princípio que 63,4% da população de 55 mil habitantes moram no meio rural e têm uma produção diversificada, incluindo frutas, hortaliças, soja, milho, feijão, batata, entre outros produtos.

4 ANÁLISE DE RESULTADOS

4.1 Características da propriedade e dos atores

A Propriedade 1 possui 14ha, e foi adquirida pelo sucedido, nela vivem o sucedido, esposa e filhos que são possíveis sucessores. O filho mais velho cursa psicologia e não deseja ser sucessor, ao contrário de sua irmã. A propriedade é considerada agroecológica, cuja principal atividade é a fruticultura. Atualmente a família faz o beneficiamento das frutas, produzindo sucos e doces através da pequena agroindústria que possui na propriedade. A pouco tempo a propriedade iniciou a preparação para o turismo rural, através da visita ao pomar, colheita de frutas, passeio de trator e também com a comercialização dos produtos fabricados pela agroindústria.

O Sucedido da propriedade 1 é do sexo masculino, com mais de 50 anos, com ensino fundamental incompleto, e está na propriedade há 28 anos. Sua experiência com a agricultura vem de família, e de cursos. Ele é presidente de uma escola comunitária para educar jovens que desejam ficar no campo e serem donos do seu próprio negócio. O candidato à sucessão da propriedade 1 é do sexo feminino, com 16 anos, reside na propriedade desde o nascimento, está concluindo o ensino médio e pretende aprofundar seus estudos na área do turismo rural. Inicialmente a candidata não se imaginava realizando o trabalho dos pais, até que conheceu o turismo rural e repensou sobre o assunto.

A propriedade 2 possui 21ha próprios e 7ha arrendados, a parte própria está na 3ª geração de sucessão, nela a principal atividade é o gado de leite. Residem na propriedade o casal (sucedidos) e um casal de filhos, o mais velho já está no processo de sucessão. Do casal de sucedidos apenas a esposa participou da entrevista, e marido não pode participar, pois estava envolvido nas atividades da propriedade. Nesta propriedade verificou-se a heterogeneidade presente na POA, onde os sucedidos são o casal e não apenas um ator. O planejamento das atividades é feito sob consenso da família, bem como as decisões de investimentos. Segundo a sucedida, envolver os filhos nas decisões a serem tomadas e influenciá-los através de estímulos positivos faz a diferença na hora da tomada de decisão da sucessão.

O Sucedido da propriedade 2 é uma mulher, com mais de 50 anos, formada em curso técnico de contabilidade, e possui conhecimento sobre gado de leite, pois seus pais exerciam a atividade. Mora na propriedade desde que se casou, seu marido também era Sucedido da propriedade. O Sucessor é do sexo masculino, possui 21 anos, com ensino médio completo, e cursos sobre gado de leite. Após concluir ao ensino médio ele serviu ao quartel, teve a chance de seguir carreira militar, mas decidiu seguir na propriedade dos pais, pois para ele é necessário gostar do que faz e do lugar onde se escolhe para viver.

A propriedade 3 possui 300ha próprios e mais 58 arrendados, dentre as atividades está o gado de corte, criação de ovinos e de cavalo crioulo. Com o falecimento do Sucedido a propriedade foi dividida entre os herdeiros, mas após seis meses o Sucessor conseguiu capital para comprar dos outros herdeiros a parte que haviam herdado, com isso ela entra na sua terceira geração de sucessão. Não foi possível entrevistar o Sucedido pois já havia falecido. Dentre os relatos do Sucessor, o principal é a sensação de ter sido preparado para a gestão da propriedade de forma indireta, desde sua infância.

O Sucessor da propriedade 3 é do sexo masculino, 28 anos, formado em Medicina Veterinária, após o falecimento do pai, ele gerencia a propriedade juntamente com a sua mãe. O Sucessor tem muito orgulho da família, que está na terceira geração de sucessão. Durante a entrevista contou sobre a decisão de não ter filhos e por isso acredita que a propriedade não terá sucessão posterior.

A propriedade 4 possui um total de 120ha, parte dela está arrendada para terceiros, a propriedade está na terceira geração de sucessão. Ela possui estrutura para turismo rural, há criação de diversas espécies de pássaros, e ovelhas, também é possível interagir com os cordeiros recém-nascidos.

O Sucedido da propriedade 4 é do sexo feminino, com mais de 60 anos, mora na propriedade desde que se casou, seu marido era proprietário do local. Após o falecimento do seu marido ela assumiu a gestão juntamente com o filho mais novo. Aos poucos o filho está absorvendo todas as demandas e buscando gerir sozinho a propriedade. Ela acredita que na escolha de um sucessor é importante identificar que ele tenha os mesmos objetivos que os seus, caso contrário as chances de não haver continuidade na propriedade são grandes. O Sucessor é do sexo masculino, com 34 anos, formado em Agronomia, atualmente dedica-se exclusivamente a propriedade a qual está aos poucos absorvendo todas as atividades de gestão.

4.2 Influência dos elementos externos

O primeiro resultado percebido na transcrição das entrevistas da pesquisa, é a menor incidência de elementos externos nas respostas sobre a decisão de suceder, o que não quer dizer que eles foram percebidos em alguns casos como existentes. Quanto ao elemento circulação de jovens no ambiente urbano, cinco dos sete respondentes afirmam já ter residido no ambiente urbano, apenas dois não tiveram a experiência de morar fora da propriedade. Segundo os respondentes, o ambiente urbano é importante, muitas vezes, no que se refere a busca de qualificação, mas todos afirmam que esse elemento não foi influente ao ponto de decidirem migrar para a zona urbana. Um, dos três Sucedidos, chegou a cogitar a possibilidade de permanecer na cidade, mas pela falta de qualificação do esposo e pela oportunidade de assumir a propriedade dos sogros, eles optaram por se estabelecer na propriedade rural.

Spanevello *et. al.* (2010) e Abramovay *et. al.* (2001) chamam a atenção para a visão de comodidade de estar em um ambiente urbano e ao acesso, seja pela busca de um emprego como assalariado ou pela jornada de trabalho com horários fixos. Através das entrevistas pode-se perceber que os respondentes possuem essa noção de praticidade, mas relatam optar por ter sua

liberdade de horários e o sentimento de estarem dedicando-se ao patrimônio que é da família e para eles esses fatores pesam mais.

As condições produtivas desfavoráveis são dos elementos externos o que foi mais influente por impactar diretamente na receita das famílias, segundo o relato dos entrevistados. Em um dos casos a desvalorização do preço do leite e a pouca opção de distribuição do produto para as indústrias fez com que a produção principal da propriedade migrasse para a ovinocultura e bovinocultura. Já os outros respondentes afirmam que esse elemento fez com que dessem mais atenção ao controle financeiro e a eficiência produtiva.

Por conta disso as condições produtivas são importantes na tomada de decisão da gestão de uma propriedade (SPANNEVELLO, 2008), e, nos casos estudados, elas fizeram com que os produtores repensassem sua forma de gestão e olhassem com atenção para o financeiro e para outras opções de atividades disponíveis. Segundo os respondentes, esse elemento foi decisivo para alguns vizinhos deixarem suas propriedades e migrarem para o meio urbano, porque naquele momento acreditaram que nesse ambiente a vida seria mais fácil, o que para eles não seria a melhor escolha.

Quanto ao elemento dificuldade de aquisição de terra, para os entrevistados o foco está no melhor aproveitamento do espaço disponível, não sendo identificado como um elemento decisivo na sucessão e isso pode ter acontecido pelo fato de todos os entrevistados terem sucessão ou optado por fazê-la. Dois dos entrevistados relataram optar por arrendar terras de terceiros, sem ter um desembolso alto de capital, mas com a possibilidade de aumentar sua produção.

O elemento da penosidade das atividades agrícolas, para Spannevello (2008) e Panno (2006) influencia na decisão de sucessão. Um dos entrevistados afirma este ter sido um elemento decisivo para ele, onde relata que se o sucedido não optasse por encerrar as atividades de gado de leite, ele não teria continuado na propriedade para fazer a sucessão, conforme fala na entrevista:

Eu tinha dinheiro de tudo que é coisa para gastar, mas nunca da porcaria do leite, chegou um dia que eu falei: “olha, tô cansado de trabalhar, de fazer cursinho para vestibular, não consigo mais, tô trabalhando sete dias por semana sempre, meu dinheiro para o cursinho não é do leite, vem da prefeitura, eu tô saindo fora do leite, eu te ajudo 2 a 3 meses pra tu vender tudo, eu não vou levantar cedo, aí foi um período que ele também estava se convencendo, minha mãe pegando tarro de 30 litros e colocando no freezer (SUCEDIDO 3).

Na visão do Sucedido 3, não é preciso sofrer por estar no meio rural, para ele, as atividades desempenhadas devem ser escolhidas e fazer parte de uma estratégia para que se tenha um bom custo benefício do negócio. Os outros seis entrevistados relataram ter a consciência de que todas as escolhas profissionais possuem um ônus e um bônus e que as vezes uma atividade que exige mais o raciocínio mental pode ser também muito penosa.

Para o elemento políticas públicas, a Sucedida da propriedade 2 afirma que as exigências que vieram com a mudança na regulamentação da atividade leiteira fez com que seus pais abandonassem a atividade, pois teriam que realizar um grande investimento para adaptarem-se às novas normativas. Outros relatos importantes relacionados a este elemento foram o do Sucedido 1 e Sucessor 1, que trouxeram a falta de abordagem nas escolas sobre às possibilidades profissionais na atividade rural, como é feito com relação às opções nas atividades urbanas. No relato do Sucessor 1 é possível perceber a importância que esse elemento tem para eles:

Eu não vejo a escola dialogar com nada da realidade, minha escola é rural, perto da minha casa, é uma escola que está no meio rural, mas ela por mais

que todos os professores morem no meio rural, ela não consegue fazer com que a gente se interesse, eu nunca tive uma influência pela escola, ao contrário eu percebo assim, que a gente é preparado para ser um profissional bom em alguma área ou para ser alguém importante dentro de uma empresa, mas nada ligado ao campo (SUCESSOR 1).

A infraestrutura da propriedade é o quinto e último elemento externo abordado, onde todos os entrevistados relatam ser importante, mas não crucial para a decisão de ficar na propriedade. Eles compreendem que a melhoria da estrutura vem com o tempo, através do resultado do trabalho e do cuidado com a propriedade e quando isso ocorre oferta a sensação de autorrealização para o sucedido e sua família.

4.3 Influência dos elementos internos

A relação de confiança na família e no ambiente familiar, segundo Leone (2005), é um elemento que traz a importância do sucedido confiar que o filho fará o melhor em relação ao negócio familiar e, também a confiança do filho em saber que o sucedido está disposto a construir o processo de sucessão em conjunto. Três dos quatro Sucessores afirmaram ter tido que conquistar a confiança, eles relatam que a relação de confiança é resultado de ações onde assumiram os riscos e as consequências, e que a partir desse processo sentiram fortalecer os laços familiares com relação a sucessão. Os três Sucedidos afirmam que independente da escolha dos filhos, eles serão sempre apoiados desde que estejam felizes em suas escolhas, ligadas ou não a sucessão familiar.

A comunicação familiar desde cedo foi um elemento citado por todos os entrevistados como influente para a decisão de sucessão familiar, tanto para que ela aconteça, quanto para que não ocorra, caso falte. O Sucedido 2 expressou sua visão:

[...] a gente tem um momento em que senta e vê o que pode ser feito e toma algumas decisões juntos, tem que ser junto porque senão toma uma decisão que os outros não querem, precisa ser debatido, principalmente coisas para o futuro que precisam ser encaminhadas agora para ter resultado em longo prazo, essas decisões precisam ser tomadas juntas (SUCEDIDO 2).

O Sucessor 2 afirma ver exemplos de amigos que optaram por sair da propriedade por não conseguir contribuir para o desenvolvimento do negócio familiar, e sentirem-se apenas executores daquilo que o sucedido desejava, sem poder trocar experiências, tampouco aprender um com o outro. O que corrobora com Bernhoeft (2004), que se a comunicação familiar for insuficiente ou assimétrica entre os membros da família, pode comprometer as futuras gerações que venham assumir a propriedade familiar.

O elemento qualificação, para os respondentes está ligado ao gostar da atividade. Todos os entrevistados afirmam que a busca por conhecimento e melhoria das atividades na propriedade vem a partir da busca por êxito e fazer melhor aquilo que escolheram para sua vida. Segundo eles, a escolha de suceder é que influencia na busca por qualificação. O Sucedido 1 fez a seguinte afirmação: “a atuação produz uma reação, porque me desafia a desenvolver uma outra ação. Então, tu vais vendo uma resposta e vai procurando outra resposta nas tuas ações e aprende todo dia com isso (SUCEDIDO 1)”. As respostas confirmam o que dizem Kignel e Werner (2007) que a busca por conhecimento ocorre após o indivíduo ter decidido suceder, é uma busca que vem a partir do gostar do que está fazendo, ou seja, da escolha que o ator fez para sua vida e dos projetos que decidiu iniciar e levar adiante.

Para os entrevistados a qualificação não influencia diretamente na decisão de sucessão, ela pode contribuir para profissionalização, excelência na gestão e perpetuação das propriedades. Por isso, na pesquisa, essa afirmação não comprova totalmente o que é sugerido na literatura, por Namede, Melo e Pinto (2017) e Schneider *et al.* (2006).

A iniciativa do sucessor em querer assumir a propriedade rural familiar, foi um elemento fundamental ao processo, onde segundo todos os respondentes, o sucessor precisa manifestar que esta é a sua vontade, de estar no ambiente familiar e construir sua vida na propriedade para que a construção dessa nova etapa na propriedade possa iniciar. A Sucedida 2 mostra a importância desse elemento através de sua fala: “eu acho que é vontade de querer assumir a coisa que tu tá fazendo, é a pessoa ter vontade ter gosto pela atividade, como aqui a atividade de leite, como todos sabem que não tem dia, precisa ser feito de manhã e de noite (SUCEDIDA 2)”. Os autores Nameda, Melo e Pinto (2017) afirmam que a decisão está relacionada a questões particulares de cada sujeito, em relação a construção dos seus projetos de vida, que pode ser influenciada, mas não determinada por estratégias externas ao indivíduo.

O Sucessor 2 também relata sua experiência que ilustra esse elemento: “Bom! a decisão foi minha junto com a família. Eu tive a oportunidade sair faz 2 anos que eu servi no quartel em Bagé, eu tive a oportunidade de ficar lá e seguir a carreira militar, mas falando com o pai e a mãe eu resolvi ficar e tocar a propriedade (SUCESSOR 2) ”.

O elemento posicionamento do sucedido em relação a sucessão refere-se o quanto o sucedido incentiva, dialoga e mostra os elementos que compreendem essa decisão, conforme trazido por Nameda, Melo e Pinto (2017), aqui o sucedido pode ter sucesso em sua capacidade de agência se souber envolver seu futuro sucessor no projeto familiar. Nesse sentido, o Sucedido 2 afirma: “Como que tu vais gostar de uma coisa que teus pais reclamam? Claro que tem momentos ruins, mas todo lugar tem. Tu tens que mostrar que aquilo é bom, isso que eu acredito e vejo que às vezes falta para tu teres um sucessor (SUCEDIDO 2)”.

Outro ponto citado por todos os Sucessores, é a percepção de que os sucedidos estejam abertos a ouvir o ponto de vista dos sucessores para que se possa discutir sobre as melhores decisões pensar o futuro da propriedade. Quatro respondentes, afirmam haver influência, no entanto, três respondentes dizem que não há influência do sucedido. O Sucessor 2 também afirma que não teve influência, apesar de admirar muito as tarefas desempenhadas pelo pai, no entanto, após descobrir a possibilidade de trabalhar com turismo rural, através de uma agência de turismo do município, passou a se dedicar a esse projeto e a pensar em suceder.

As mudanças nas relações entre pais e filhos (autonomia para tomar decisões) compõem o sexto elemento e é identificado por todos os respondentes como uma consequência da relação de confiança na família, comunicação familiar desde cedo e posicionamento do sucedido em relação a sucessão, identificam que a mudança de relação acontece através de uma forma diferente de se relacionar, com mais diálogo e empatia. É possível perceber a influência através do relato do Sucedido 2:

A gente tem um momento que a gente senta e vê o que pode ser feito e toma algumas decisões juntos. Tem que ser junto porque senão toma uma decisão que os outros não querem, tem que ser debatido. Principalmente com coisas para o futuro que precisam ser encaminhadas agora para ter resultado no futuro, essas decisões precisam ser tomadas juntas (SUCEDIDO 2).

Quanto ao elemento sujeito toma a decisão de suceder, todos os respondentes fizeram referência como este sendo um dos elementos mais importantes que influenciam na decisão de sucessão, porque, o ator precisa demonstrar iniciativa ao assumir qualquer projeto de vida, inclusive este, conforme afirma o Sucedido 1:

A pessoa tendo gosto pela atividade o resto ela vai adquirindo com o tempo, vai buscando, se ela gosta ela busca... quando a pessoa gosta tudo flui, ela vai atrás, ela não vai medir esforço, precisa querer muito para vencer na vida em qualquer lugar, assim a gente se considera vencedor (SUCEDIDO 1).

Conforme citado por Kignel e Werner (2007) a decisão está relacionada com questões particulares de cada sujeito e por isso, a decisão precisa vir dele para que o processo inicie,

assim ele terá iniciativa para aprender o funcionamento da gestão da propriedade, bem como as atividades que precisam ser executadas.

O elemento renda ou incentivo financeiro, segundo Spanevello *et. al.* (2010) e Abramovay *et. al.* (2001) o salário fixo em uma empresa poderia ser um elemento decisivo, por acreditar que ele representa um risco menor ao sucessor. No entanto, conforme as respostas dos sete entrevistados, o resultado financeiro é tido como o retorno por exercer uma atividade que o indivíduo gosta e se dedica. Outro elemento importante citado pelo Sucessor 4 é que se a gestão da propriedade for organizada, é possível ter uma qualidade de vida maior do que no meio urbano e com um retorno igual ou maior que um empresário da cidade tem. O Sucessor 2 a oportunidade de trabalhar fora da propriedade, mas afirma que o salário pago no mercado não compensa a qualidade de vida, os momentos que pode estar com a família e a liberdade de tomar as decisões que podem influenciar na sua propriedade e dos pais.

Através da fala do Sucessor 2, é possível perceber que a justificativa trazida por ele sobre a possibilidade de o sucessor obter sua própria renda do trabalho que desempenha na propriedade, é, também, uma percepção do grupo de pessoas com o qual ele se relaciona e que pode estar na mesma fase na qual ele se encontra, de escolher suceder ou não (ABRAMOVAY *et al.*, 2004; SPANEVELLO *et al.*, 2010; PANNO; MACHADO, 2014).

Para o elemento expectativa de carreira profissional, a Sucessora 1 traz o ensinamento que recebeu de seu Sucedido, “deve-se fazer o que gosta, que fará bem feito”, e isso pressupõe a escolha da carreira profissional, independentemente de estar ligada a sucessão familiar. Quando questionados sobre a escolha profissional, todos afirmam que não mudariam sua decisão de estar na propriedade rural, pois essa decisão está de acordo com o que escolheram para suas vidas, ou seja, seu projeto de vida, conforme trazido por Long (2001), o que corrobora o que dizem Kignel e Werner (2007) sobre as escolhas profissionais de cada ator.

Quanto ao elemento qualidade de vida, a partir dos relatos do elemento oito, pode-se compreender a influência do elemento dez, que apresenta a escolha através da qualidade de vida, fator citado por todos os entrevistados, onde exerce grande influência na hora de tomar a decisão de ficar na propriedade, sendo tão importante quanto o retorno financeiro, conforme trazido por Panno e Machado (2014). Ainda, todos afirmam que a qualidade de vida aumentou no decorrer dos anos em que estão na propriedade.

Por fim, o elemento onze diz respeito ao projeto de vida do candidato à sucessão, que segundo Spanevello *et. al.* (2011), Weisheimer (2009) os jovens precisam ser ouvidos para que se possa compreender seus projetos de vida e suas perspectivas de futuro (Schneider *et. al.*, 2006) para que se entenda se o projeto de sucessão pode ser conciliado com aquilo que escolheu para sua vida. A Sucessora 1 traz um exemplo sobre o elemento projeto de vida:

[...]a história do turismo, além de admirar, eu comecei a ver um futuro, algo que eu não via antes, eu pensava em várias outras profissões mas nada ao que a gente já tinha na propriedade, algo que eu poderia desfrutar e agora eu já tenho esse pensamento de possibilidades de ficar (SUCESSORA 1).

No relato anterior é possível perceber que a partir do projeto de vida dela estar alinhado ao que existe de perspectivas de trabalho na propriedade, a escolha de suceder passou a fazer parte dos seus planos, porque apesar de sentir muita admiração pelo trabalho do seu sucedido e admiração pelo trabalho feito na propriedade, ela ainda não percebia que poderia se auto realizar escolhendo ficar na propriedade. Por isso, esse elemento é tido como um dos mais influentes para a realização de sucessão.

A Figura 2 foi estruturada com base na sequência de relatos dos respondentes sobre como o processo de sucessão vai acontecendo, de forma totalmente informal.

Figura 2 – Processo de sucessão familiar segundo resultados da pesquisa.



Fonte: Autores (2020).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo central compreender quais elementos internos e externos influenciam na tomada de decisão da sucessão familiar em pequenas propriedades rurais familiares do município de Canguçu/RS. A problemática teve origem no questionamento sobre o número de propriedades rurais que não tem continuidade através de um sucessor da família e, também, pelo número de propriedades familiares que são vendidas a terceiros, tendo fim a sucessão patrimonial.

A partir do modelo tridimensional de desenvolvimento da empresa familiar, observou-se que as pequenas propriedades rurais familiares do município de Canguçu não seguem o processo formal apresentado pelo modelo, o que não significa que alguns destes elementos não aconteçam, somente não seguem uma ordem cronológica. Isso pode ocorrer em função das barreiras em relação a sucessão, que serão abordadas aqui na conclusão, como resultado da pesquisa empírica. Pode-se perceber também, que os elementos externos e internos influenciam de forma significativa na decisão dos sucessores. No entanto, através da pesquisa de campo, foi possível perceber que nestes casos analisados, alguns elementos têm mais influência que outros na decisão de sucessão.

Dentre os elementos com maior influência identificados na pesquisa empírica, está o elemento externo que trata das condições produtivas desfavoráveis, os entrevistados afirmam que esse elemento pode influenciar em toda a estrutura produtiva da propriedade e também na organização financeira, caso os produtores não estejam preparados para essas mudanças e assim impactar em uma decisão de um candidato à sucessão sair da propriedade.

Outros elementos percebidos com grande influência, são os internos e o primeiro deles é a comunicação familiar desde cedo, que representa a oportunidade de os atores realizarem sua capacidade de agência e tornarem dois projetos de vida até então individuais, no projeto da família. Por isso, os entrevistados chamam a atenção para o diálogo e empatia para que isso se realize e a sucessão aconteça. A iniciativa do sucessor em querer assumir a propriedade rural familiar é outro elemento tido por todos os respondentes como influente, por abordar a iniciativa do ator e para os respondentes qualquer carreira profissional necessita de pessoas com iniciativa para assumir desafios.

Também, influente na decisão de suceder, está o elemento em que o sujeito toma a decisão de suceder, e quando isso acontece, os entrevistados relatam que o ator inicia um planejamento de ações necessárias para desempenhar essa tarefa, como por exemplo, a busca por qualificação, interesse por aprender como as tarefas são realizadas e de que maneira a propriedade pode ser ainda melhor para a família que nela reside. Somando-se aos outros elementos, está a expectativa de carreira profissional, que de certa forma está diretamente ligada

com a decisão do sujeito de suceder na propriedade e a manifestação do interesse em assumir a propriedade familiar.

Outro elemento relatado pelos respondentes é a qualidade de vida, que também é um dos elementos na escolha do projeto de vida. Esses elementos também foram identificados por todos os entrevistados como influentes. Para eles, a qualidade de vida e o projeto de vida são compostos por escolhas, como por exemplo, ter mais tempo com a família, ingerir um alimento de maior qualidade, ter seu patrimônio, trabalhar e dedicar a energia para o seu próprio negócio.

Além da identificação dos elementos internos e externos que influenciam na sucessão, conforme relatado nos parágrafos anteriores, também foi possível identificar possíveis barreiras para o processo de sucessão. Uma das barreiras relatadas nas respostas das entrevistas foi a falta de gestão financeira por parte dos proprietários. Um dos sucessores declarou que observa muitas pessoas que trabalham no campo e reclamam das condições financeiras, mas que não fazem fluxo de caixa, planejamento financeiro e não programam seus investimentos na propriedade e por isso acreditam que a atividade não é rentável.

Outra barreira percebida por dois dos entrevistados foi a falta de abordagem das possibilidades de trabalho no meio rural pelas escolas do campo. Eles afirmam que percebem que as opções de trabalho estão sempre ligadas a atividades que podem ser desempenhadas no meio urbano e até mesmo na condição de profissionais contratados por empresas. Para eles isso é um desperdício porque a atividade rural hoje oferece muitas opções de atuação, como na área do turismo rural, opção bem pouco difundida para os jovens. A barreira ligada aos sucedidos é a falta de abertura para que os filhos participem e contribuam para a tomada de decisão das atividades da propriedade. Por isso não conseguem sentir que sua presença pode agregar no desenvolvimento da atividade.

Com relação aos facilitadores no processo de sucessão, foram relatados pelo entrevistados: a escola demonstrando como é a vida no campo e quais são suas possibilidades, a comunicação simples e direta entre a família e as gerações, bem como a confiança, a atitude do candidato em relação a sucessão, demonstrando que tem interesse em permanecer na propriedade familiar, o sucessor procurar ter clareza de suas expectativas profissionais, sua percepção de qualidade e por consequência a definição de qual será seu projeto de vida.

No que diz respeito ao estudo de como acontece a decisão de sucessão dos agricultores familiares do município de Canguçu, foi possível observar que todos relataram que o primeiro elemento deve ser a identificação com a atividade e com o meio, sendo esse um projeto de vida do ator. Observou-se, também, que após essa relação inicial vem a preocupação com a qualificação formal, para aprimorar cada vez mais o trabalho a ser realizado na propriedade.

A pesquisa contribuiu tanto para o campo teórico com a ampliação de estudos sobre sucessão familiar, em especial, em propriedades rurais familiares. Ao utilizar a Perspectiva Orientada aos Atores pode apresentar uma visão diferente sobre os elementos presentes no processo de sucessão familiar. Ela também contribuiu com a sociedade no momento em que apresenta a perspectiva de sucessor e sucedido com um olhar do ator sobre o campo, e o processo de sucessão, o qual pode conter distintas interfaces. Com o estudo foi possível perceber que o processo de sucessão familiar é mais que uma simples troca de gestão, envolve a vida, e as escolhas de todos os atores envolvidos.

Uma das limitações da pesquisa foi a falta de indicação das propriedades sem sucessão, por não serem acessíveis e por receio de causar algum constrangimento aos agricultores, por isso não foi possível abordar propriedades sem sucessão familiar. No que tange às limitações da pesquisa, salienta-se que em um dos casos não se conseguiu contato com um sucedido, em virtude de ele já ter falecido.

Sugere-se como estudos futuros a investigação dos elementos internos, a fim de compreender como auxiliar os jovens a identificarem com maior facilidade o seu projeto de vida, somando-se a isso, uma investigação do seu propósito de vida. Assim como em relação a visão das escolas sobre as atividades que podem ser desempenhadas no meio rural. Ou seja, estudos que investiguem a influência da escola na permanência do jovem na atividade rural, para que ele possa compreender as possibilidades existentes e perceba no campo uma alternativa para realizar suas atividades profissionais, e possa tomar a sua decisão.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. *et al.* Agricultura familiar e sucessão profissional: novos desafios. In: Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, 39, 2001, Recife, PE. **Anais...** Recife, PE: SOBER, 2001. Disponível em: < http://www.gp.usp.br/files/denru_sucessao.pdf>. Acesso em: 01/03/2018.
- ABRAMOVAY, R. *et al.* Sucessão profissional e transferência hereditária na agricultura familiar. In: Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, 37, 2004. Rio de Janeiro. 2004. **Anais...** Rio de Janeiro, 2004.
- BEAUD, S.; WEBER, F. **Guia para a análise de campo: produzir e analisar dados etnográficos.** Petrópolis: Vozes, 2007.
- BERNHOEFT, R. **Cartas a um jovem herdeiro: a herança não vem com um manual de instruções.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.
- COTRIM, D. **O estudo da participação na interface dos atores na arena de construção do conhecimento agroecológico.** 2013. 264p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural). PGDR-UFRGS. Porto Alegre. 2013
- CRESWELL, J. W. **Qualitative Inquiry & Research Design: Choosing among Five Approaches** (3 ed.). Thousand Oaks, CA: SAGE, 2013.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In_____. (Org.) DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 15-42.
- FLICK, U. **Introdução a pesquisa qualitativa.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 11.
- FONTANELLA, B. J. B; RICAS, M. G. B.; TURATO, J. (2008) Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Caderno de Saúde Pública**, 24 (1), 17-27.
- GERSICK, K. E. *et al.* **De Geração Para Geração: Ciclos De Vida Das Empresas Familiares.** Harvard Business School Press / Negócio Editora, 1997. 308p.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Agropecuário 2017.** Rio de Janeiro, 2019. Disponível em <<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-agropecuario/censo-agropecuario-2017>>. Acesso em: 20 maio 2020.
- KIGNEL, L.; WERNER, R. A. **E Deus criou a empresa familiar: uma visão contemporânea.** 3. ed. São Paulo: Integrare Editora, 2007.
- LANZANA, A.; CONSTANZI, R. As empresas familiares brasileiras diante do atual panorama econômico mundial. In: MARTINS, J. (Coord.). **Empresas familiares brasileiras: perfil e perspectivas.** São Paulo: Negócio Editora, 1999.
- LEONE, N. M. C. P. G. **Sucessão na empresa familiar: preparando as mudanças para garantir sobrevivência no mercado globalizado.** São Paulo: Altas, 2005.

LIMA, A. C. **Empresa familiar**: Um estudo sobre a difícil tarefa de se preparar um sucessor para sua gestão. 2016. Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/empresa_familiar.pdf>. Acesso em 27 maio de 2018.

LODI, J. B. **Sucessão e conflito na empresa familiar**. São Paulo: Pioneira, 1987.

LONG, N. **Development Sociology**: actor perspectives. London: Routledge, 2001.

_____. **Sociologia del desarrollo**: una perspectiva centrada em el actor. Mexico: El Colégio San Luis, 2007.

LONG, N.; LONG, A. **Battlefields of Knowledge**: the interlocking of theory and practice in social research and development. London: Routledge, 1992.

LONG, N.; PLOEG, J. D. Heterogeneity, actor and structure: towards a reconstitution of the concept of structure. In: BOOTH, D. (org) **Rethinking social development**: theory, research and practice. Essex: Longman Scientific and Technical, 1994, p. 62-89.

NAMEDE, C. A. S.; MELO, M. C. O. L.; PINTO, R. A. A visão empreendedora e o processo de sucessão em empresa familiar. **Revista Perspectivas Contemporâneas**, v.12, n.1, p. 169-187, 2017.

NEGREIRA DEL RIO, F.; NEGREIRA DEL RIO, J.; VÁZQUEZ, A. P. **Eu não vendi. Não o façam**. 1.ed. Porto: Vida Económica, 2005.

OLIVEIRA, D. P. R. **Empresa familiar**: como fortalecer o empreendimento e otimizar o processo sucessório. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

PLOEG, J. D. V. D. **The Virtual Farmer**. Assen: Van Gorgum, 2003.

_____. **Camponeses e Impérios Alimentares**: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2008.

SCHNEIDER, S. et al. A pluriatividade e as condições de vida dos agricultores familiares do Rio Grande do Sul. In: **A Diversidade da Agricultura Familiar**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2006, p. 137-165

SILVA, V. C. **A juventude e sucessão na agricultura familiar**. Arquivo Power Point apresentado no Seminário Regional em Santa Rosa sobre a juventude. Enviado por meio eletrônico. 2013.

SPANEVERELLO, R. M. **A dinâmica sucessória na agricultura familiar**. 2008. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16024/000660556.pdf?sequence=1>. Acesso em: 12 dez. 2017.

SPANEVERELLO, R. M. *et al.* A migração juvenil e implicações sucessórias na agricultura familiar. **Revista de Ciências Humanas**, v. 45, n. 2, p. 291-304, 2011.

SPANEVERELLO, R. M. *et al.* As perspectivas sucessórias de gestão dos negócios do patrimônio entre agricultores familiares sem sucessores. **Revista CCEI**. v.14, n.26, ago. 2010. Bagé: URCAMP, 2010.

TESTON, S. F.; FILIPPIM, E. S. Perspectivas e Desafios da Preparação de Sucessores para Empresas Familiares. **Revista de Administração Contemporânea**, v.20, n. 5, p. 524-545, 2016.

VENTURA, Luciano Carvalho. A empresa e a sucessão. In: **Patrimônio e sucessão: como garantir os herdeiros e os negócios**. Antônio Carlos Cortese et al (Organização de Luiz Kignel). São Paulo: Maltese, 1993.

WEISHEIMER, N. **A situação juvenil na agricultura familiar**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.